



Máquinas Automágicas – trabalho, mente estendida e subjetividade sob o fetiche da mercadoria

Luis Henrique Gonçalves¹

GT 7 - Estudos Críticos em Ciência da Informação

¹ Bolsista CNPQ no PEPG de Psicologia Social da PUC-SP, pesquisador do Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Ação Social (NUTAS) e do Projeto Implicações da Saúde Digital nos Sistemas de Saúde (FIOCRUZ)

luishng72@gmail.com

Neste resumo sintetizo minha pesquisa de revisão de literatura de doutoramento em Psicologia Social Sócio-Histórica, onde as tecnologias digitais são discutidas sob a categoria do fetiche da mercadoria. Seu objetivo é conectar a crítica marxista de diferentes esferas das tecnologias digitais (EPTIC, epistemologias, subjetividade etc.) para contribuir com a visualização da sua totalidade e da dialética dessas partes – que chamo de máquinas automágicas.

Em geral, as chamadas tecnologias digitais envolvem o que as Ciências Cognitivas tratam como *mente estendida* – qualquer objeto artificial (lápiz e papel, nanoprocessador etc.) a partir do qual a cognição humana (apreensão, memória e processamento/imaginação) pode ser expandida para além das suas capacidades corporais (CHALMERS, 2010).

Entretanto, a mente estendida é muito mais que isso. Trata-se de um dos maiores eventos da humanidade, que Vigotski (2004) chamou de "ferramentas psicológicas": dispositivos artificiais dirigidos para o domínio dos processos psíquicos próprios ou alheios. Assim, a mente estendida é uma mediação do trabalho social, onde a dimensão teleológica do trabalho pode ser amplificada, ampliando-se também as estruturas da consciência e o conhecimento e o domínio sobre a realidade, enriquecendo nossa própria ontologia (VIGOTSKI, 1997, 2004; MITHEN, 2002).

Mas, além de participar do pôr teleológico, a mente estendida (enquanto meio de produção, produto, causalidade posta) também retroage sobre a subjetividade (LUKÁCS, 2013). E nas sociedades da "discordância entre o resultado objetivo da atividade humana e o seu motivo" (LEONTIEV, 2004), essa "retroação" ocorre sob formas igualmente discordantes e estranhadas. Na etapa capitalista dessas sociedades, a mente estendida se apresenta como mercadoria, a forma social na qual o poder humanizador do trabalho é transferido psicossocialmente para os seus produtos. Sob a forma-mercadoria, a crescente complexidade do mundo humano-social é condensada e "criptografada", fazendo essas máquinas (enquanto síntese desse mundo) surgirem como objetos vivos, fantásticos, precisamente inquestionáveis e misteriosamente poderosos – as máquinas automágicas.

Internalizada e vivida de forma automágica, a mente estendida atua como mediação de segunda ordem, em seu duplo sentido. Primeiramente, as máquinas automágicas buscam criar e modelar nossas noções de realidade, sistemas de ações (LEONTIEV, 2004) e necessidades sociais através de promessas, *affordances* (NORMAN, 2008), arquiteturas de decisão, *nudges* (THALER e SUNSTEIN, 2018; PENTLAND, 2014) e pela habituação incutidas pelo *design* de interface e experiência do usuário (EYAL, 2014).

Por outro lado, é justamente retidos nessa experiência controlada e fetichizada que o "uso humano de seres humanos" (WIENER, 1970) receberá seu *upgrade*. Aqui, a razão de ser dessas

máquinas, além de coproduzir e circular mercadorias e capitais, é transformar (através dos seus recursos computacionais) as atividades de consumo e fruição em atividades que produzem um decisivo valor de uso para a reprodução ampliada capitalista, os dados digitais. Na medida em que essas máquinas e seus capitalistas monopolizam crescentemente as mediações sociometabólicas, a intensidade concorrencial desse valor de uso (mesmo sem valor de troca) nos faz indagar se essas atividades não são impõem e se transvertem enquanto (também) trabalho social estranhado.

Com tudo isso, concluímos que a competência crítica em informação é um novo elemento da luta de classes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHALMERS, David J. Facing up to the problem of consciousness. **Journal of consciousness studies**, v. 2, n. 3, p. 200-219, 1995.
- EYAL, Nir. **Hooked**: how to build habit-forming products. New York: Penguin, 2014.
- LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2ª ed. -- São Paulo: Centauro, 2004.
- LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social II**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MITHEN, Steven (2002). **A Pré-História da mente**: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. São Paulo: Editora UNESP.
- NORMAN, Donald A. **Design emocional**: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.
- PENTLAND, Alex. **Social physics**: How good ideas spread-the lessons from a new science. New York: Penguin, 2014.
- THALER, RH e SUNSTEIN, CR, **Nudge**: Um Pequeno Empurrão. Alfragide: Lua de Papel, 2018.
- VIGOTSKI, Lev Semionovich. El problema del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. **Obras escogidas**, v. 2, p. 11-46, 1997.
- _____. **Teoria e método em psicologia**. 3ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- WIENER, Norbert. **Cibernética ou controle e comunicação no animal e na máquina**. São Paulo: Polígono, 2017.